



MUNDO ANÁLISE



## Onde está a Europa contra guerra e o terrorismo?

POR ANA GOMES\*

**A** União Europeia (UE) encerrada sobre si mesma, às voltas com a tragédia grega (que é europeia) sobre quem paga o quê para garantir a sobrevivência do Euro, é a mesma que não consegue extinguir ou sequer conter as crises perigosamente incendiadas em seu redor, desde o conflito armado com a Rússia que se desenrola na Ucrânia à guerra na Síria, no Iraque e na Líbia. A vizinhança está a arder e os da casa, da União Europeia, continuam embrenhados em disputas, desatentos aos fogos galopantes no exterior.

Os europeus podem preparar-se para o pior: vivem hoje numa Europa alemã, em escalada de *bullying* aos parceiros, projetando-se para o exterior como potência relutante, com fortíssimos interesses económicos mas sem visão geoestratégica, escasso apego a princípios e objetivos fundadores da União e ténue memória das rivalidades que fizeram

do Velho Continente palco de duas guerras mundiais.

Sem mudança de fundo a União Europeia afunda-se: precisa desesperadamente de mais democrática integração política e de adequada sustentação do Euro – dois eixos que só podem cumprir-se em paralelo e articuladamente; na frente externa, precisa de ação determinada, robusta e ancorada nos princípios para ajudar a resolver conflitos em seu redor. Ação interna e ação externa são interdependentes, influenciam-se mutuamente. Uma sem a outra não tem eficácia e compromete a credibilidade da própria União aos olhos dos seus cidadãos e aos olhos do mundo: a UE não pode ser assertiva e influente fora, enquanto dentro continua autisticamente a cavar divergência política e macroeconómica.

O falhanço da Europa sente-se agudamente no norte do Iraque, como pude constatar com amargura em janeiro deste ano, quando

visitei campos de refugiados e de deslocados internos, tive contactos com autoridades curdas, combatentes peshmerga, com representantes de minorias cristãs, yazidis, shabbak, e outras, e com refugiados sírios.

### Refugiados sem futuro

Vários Estados-membros da UE integram a coligação internacional, liderada pelos EUA, que procura ajudar os curdos a expulsar os terroristas do chamado «Estado Islâmico» (EI). No entanto, esses mesmos governos europeus não se coordenam entre si no quadro da Política Externa e de Segurança Comum (PESC) e da Política Comum de Segurança e Defesa (PCSD): não coordenam formação nem armamento que fornecem aos peshmerga (e falta-lhes equipamento essencial), nem se coordenam entre si e com a Comissão Europeia na ajuda humanitária de emergência e na ajuda de desenvolvimento que os seus contribuintes pagam – e a UE é, de longe, o maior financiador internacional da ajuda humanitária prestada aos refugiados e deslocados no Médio Oriente.

Por isso dói, mas não espanta, que nos campos de refugiados e de deslocados de yazidis e cristãos que visitei na região de Dohuk e Erbil, no Curdistão iraquiano, não houvesse uma única escola a funcionar

## Nunca a Europa e os europeus estiveram tanto em perigo, depois da II Guerra Mundial

jovens europeus que se juntam ao criminoso Daesh que se tornou, entretanto, no mais cruel perseguidor das minorias religiosas na Síria e no Iraque? É difícil e doloroso responder a todos quantos no Iraque, na Jordânia e no Líbano me confrontaram com a pergunta. Porque a Europa está em processo de negação: muitos daqueles a quem chama *foreign fighters* (combatentes estrangeiros) não são estrangeiros, são jovens europeus – há já mais de 4000 incorporados nas fileiras terroristas no Iraque e na Síria. São o espelho do falhanço das políticas austeritárias da UE e dos governos europeus, que agudizaram os problemas de integração social, de emprego, da educação, da pobreza, da exclusão e da falta de rumo na vida de tantos jovens, em particular das comunidades imigrantes marginalizadas em sociedades europeias. E mesmo quando os atentados em Paris e em Copenhaga são perpetrados por jovens europeus desejosos de servir os desígnios de qualquer bando terrorista, os governantes europeus continuam a subvalorizar o impacto que as políticas de austeridade têm no fomento da radicalização e na redução do financiamento para estruturas de segurança, informação e contraterrorismo e para programas de prevenção da radicalização e de desradicalização.

### Situação alarmante

A falta de vontade e capacidade política dos nossos governos para responder às ameaças à própria segurança europeia é alarmante. Quem manda hoje na Europa, nos Estados e na União, tem de perceber a necessidade de garantir segurança aos cidadãos e de defender os interesses europeus globalmente. Ora a falta de coordenação e a falta de partilha de informação ao nível da UE é ela própria também responsável, pelo menos em parte, pelas ameaças com que somos hoje confrontados.

Basta olhar para a Líbia, onde depois do envolvimento militar ocidental para proteger o povo contra a ira assassina de Muhammad Kaddafi, o que se viu no pós-revolução foi um regresso ao *business as usual*

por parte dos Estados-membros com mais interesses no país, impedindo a coordenação de esforços e fechando a porta a um plano concertado e articulado ao nível da UE para assistir Trípoli na indispensável reforma do setor da segurança, que implicava desmobilização, desarmamento e reintegração das milícias e apoio na capacitação institucional de polícia e forças armadas sob comando nacional. Em vez disso, a UE entregou a Líbia aos terroristas, atraídos pelo faccionalismo, os recursos petrolíferos, os arsenais militares e o afluxo de migrantes e refugiados. A situação na Líbia é uma catástrofe para a segurança da Europa, de toda a Europa e da vizinhança: foi na Líbia que treinaram os atacantes do Museu Bardo em Tunis. É preciso que a UE reaja: a Líbia está convertida num santuário para terroristas com ponte direta e rápida para a Europa.

Precisamos, por isso, de política externa europeia apoiada numa estratégia de segurança e defesa comum. A ideia ressuscitada pelo Presidente Juncker e pela Alemanha de criação de um exército europeu pode ser desejável, mas não é para já concretizável, pela ausência de vontade política para um passo que mexe diretamente no mais fundo que resta das soberanias nacionais. Bastaria porém que a UE levasse à prática o que já prevê no quadro das PESC e da PCSD para ser, de facto, capaz de agir na sua vizinhança e além dela, investindo em mecanismos e ferramentas que o Tratado de Lisboa previu reforçar: capacidades militares e civis partilhadas, articulação das políticas e orçamentação de capacidades de defesa a nível europeu, de maneira a evitar duplicações inúteis, que mais não são do que desbaratar dinheiro dos contribuintes.

Mas isto só acontecerá se os Estados-membros convergirem numa reorientação estratégica da política externa da UE. É preciso reconhecer os interesses comuns e avaliar onde estão os riscos e ameaças para a segurança coletiva e para o projeto de construção europeia. Uma nova Estratégia Europeia de Segurança tem que apetrechar para a ação, servindo coerentemente os objetivos europeus nas frentes interna e externa. Nunca a Europa e os europeus estiveram tanto em perigo, depois da II Guerra Mundial. ❏



\*Eurodeputada desde 2004, integra a Comissão dos Assuntos Externos do Parlamento Europeu. Substituiu a responsabilidade da redação



REUTERS

para milhares de crianças e jovens que por ali saltavam, sem ocupação, tal como os pais e familiares sobreviventes. E também não surpreende que estes mesmos cristãos, yazidis e outros – mais de dois milhões de pessoas das minorias – sem perspectivas na sua terra natal, queiram quanto antes dar o salto para a Europa. Pois se não têm perspectivas de futuro no Iraque! Onde está a Europa que, até por interesse próprio, deveria no Conselho de Segurança da ONU e no terreno estar a promover a recuperação de uma perspectiva de segurança no Iraque, para possibilitar o regresso das minorias pré-islâmicas às planícies de Ninewa ou às montanhas do Sinjar, ajudando a reconstruir as suas casas, aldeias, cidades, uma vez expulsos os terroristas do Daesh/EI?

E no Líbano, com um território que é 1/4 do da Bélgica e onde se acolhem 1,2 milhões de refugiados sírios – ou seja, 1/4 da atual população libanesa – há hoje 300 000 crianças em idade escolar também sem ir à escola: além de não poderem educar-se para um dia regressar ao seu país e o ajudar a reconstruir, facilmente se tornarão presas de qualquer narrativa revanchista de recrutamento terrorista.

E por que é que a Europa se mostra tão incapaz de impedir o afluxo de milhares de